3 1761 06552119 7

BRIEF
AM
0000746

DEFENSÃO

DO

USEU ETNOLOGICO PORTUGUÊS

CONTRA AS ARGÜIÇÕES QUE UM SR. DEPUTADO LHE FEZ NO PARLAMENTO

PELO

D.OR J. LEITE DE VASCONCELLOS

DIRECTOR DO MESMO MUSEU, E SEU ORGANIZADOR

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA

1913

DEFENSÃO

DO

MUSEU ETNOLÓGICO PORTUGUÊS

TYP. DA EMPR. LITTER. E TYPOGRAPHICA
(Officinas movidas a electricidade)
178, R. ELIAS GARCIA, 184 * PORTO * 1913

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/defensodomuseu00vasc

DEFENSÃO

DO

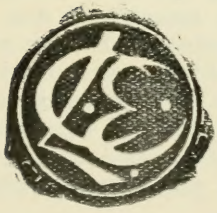
MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUÊS

CONTRA AS ARGÜIÇÕES QUE UM SR. DEPUTADO LHE FEZ NO PARLAMENTO

PELO

D.OR J. LEITE DE VASCONCELLOS

DIRECTOR DO MESMO MUSEU, E SEU ORGANIZADOR



LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
—
1913

LIBRARY
JUN
19
1979
UNIVERSITY OF TORONTO

Brief
AM
0006746

Em sessão nocturna da Camara dos Deputados de 26 de Dezembro de 1911 o Sr. Deputado vimaranense Eduardo de Almeida declarou que havia no orçamento do Estado uma verba ilegal que eu recebia como director do Museu Etnologico.

Quando isto se passou, estava eu fóra de Lisboa, em estudos relacionados com o Museu; e só decorridos dias tive conhecimento do caso. Logo que o soube, enviei ao Sr. Deputado uma carta, cujo teor era o seguinte:

«Ex.mo Sr.

»Apesar de não conhecer pessoalmente a V. Ex.ª, tomo a liberdade de lhe »escrever, já para o esclarecer sobre o tema do seu discurso de 26 de Dezembro »na Camara dos Srs. Deputados, do qual só hoje tive notícia, já para lhe manifes»tar a estranheza que me causou ver um Sr. Deputado tratar no parlamento um »assunto que absolutamente desconhece.

»Eu fui nomeado director do Museu Etnologico sem vencimento algum em »1893, e servi de graça uns quatro anos. Note V. Ex.ª que fui nomeado director »do Museu, mas o Museu não existia: organizei-o eu depois, pouco a pouco, per»correndo o país, fazendo excavações em Trás-os-Montes, no Entre-Douro-e-Minho, »na Beira, na Extremadura, no Alentejo e no Algarve: assim consegui, e com o »concurso do meu pessoal, que o Museu Etnologico chegasse a contar, como hoje »conta, mais de 20:000 objectos, metodicamente dispostos, como num curso de »Etnologia nacional. Póde V. Ex.ª informar-se com muitos dos seus colegas que »me conhecem. Como porém eu precisava de muito tempo para me consagrar ao »Museu, e o ser professor do Liceu de Lisboa, que eu então era, me impedia em »grande parte, deixei o Liceu, com a promessa de o Govêrno me arbitrar uma »remuneração equivalente, o que de facto sucedeu. — Aqui tem V. Ex.ª a mons»truosidade da minha situação: receber uma gratificação em vez de outra que perdi.

»Por Decreto de 23 de Dezembro de 1899, a remuneração foi legalizada. Na »reforma do Museu de 24 de Dezembro de 1901, tornou a sê-lo. E por ultimo, em »26 de Maio de 1911, tornou a sê-lo igualmente. Nem eu compreendo como se »chame ilegal a uma gratificação aprovada por lei no orçamento do Estado du»rante tantos anos!

»Se V. Ex.ª, referindo-se ao Museu em pleno parlamento, o fizesse esponta»neamente, por entender que com isso beneficiava o tesouro público, embora com »desaire para um indivíduo que se tem consagrado de alma e coração ao estudo do »país toda a sua vida, e a quem um deputado da nação que fosse consciencioso só »deveria dar estímulo, não me magoava eu tanto como me magoei com as injus»tissimas e descabidissimas observações de V. Ex.ª; mas permita-me que lhe diga »que estou convencido (ou eu me engano muito, e então peço desculpa) de que »houve terceira pessoa que directa ou indirectamente abusou de V. Ex.ª, levando-o »a dar um passo tão temerario: essa pessoa foi um advogado que V. Ex.ª muito »bem conhece [1], que havendo sido meu íntimo amigo em tempo, e a quem eu dirigi

---

[1] [O nome vai mencionado adiante].

»em certo estudo, é actualmente meu inimigo figadal, só porque não lhe comprei »uma colecção arqueologica que ele me desejava vender caro demais, e o não quis »(por causa do seu feitio) admitir como empregado do Museu: o que tudo consta »de uma carta cuja cópia remeto[1]; este indivíduo procura por todos os modos ata»car-me, para o que escreve a ministros e a deputados, envia para jornaes artigos »difamatorios, etc. V. Ex.ª tornou-se assim instrumento de uma vingança de ou»trem: como agravante direi que me parece que, a julgar do apelido e da natura»lidade, V. Ex.ª é filho de uma pessoa com quem muito me dei outr'ora, quando »eu frequentava Guimarães, e com quem ainda falei a última vez que estive nessa »cidade (1910)!

»Para terminar, convido a V. Ex.ª a ir visitar o Museu Etnologico, pedin»do-lhe eu o favor de me avisar do dia e hora: melhor do que numa carta, eluci»darei a V. Ex.ª com a explicação das riquezas scientificas do Museu Etnologico, »e com a exposição das fadigas e canseiras que ele me tem custado. Além d'isso »verá como sería absurdo que a alguem se exigisse de graça tanto trabalho.

»Supondo que a minha remuneração era ilegal, o que V. Ex.ª devia propôr »na Camara era que ela se tornasse legal, e não que a um indivíduo que ha 18 »anos trabalha como pouca gente em Portugal, se tirasse o pouco que recebe!

»Mantenho a esperança de que V. Ex.ª rectificará publicamente o mau con»ceito que lhe mereci».

O Sr. Deputado Eduardo de Almeida nem visitou o Museu (pelo menos em minha companhia), nem respondeu á minha carta. Como porém na mesma sessão de 26 de Dezembro o Sr. Ministro do Interior, Dr. Silvestre Falcão, tomou nobremente a minha defesa, e na sessão seguinte o Sr. Director Geral de Instrução Pública, Dr. Angelo da Fonseca, se dignou rebater as asserções do Sr. Deputado, dizendo que a minha situação era legal,—julguei liquidado o assunto, e não pensei mais nele.

Estava eu muito sossegado da minha vida, e ocupado, como sempre, dos meus trabalhos oficiaes e literarios, e eis que sou surpreendido novamente com alusões do mesmo Sr. Deputado a mim nas Camaras (sessão de 12 de Março de 1913). Agora o caso era mais serio: o Sr. Almeida fazia-me argüições: umas, em verdade, moviam a riso, mas outras ofendiam-me na minha dignidade. Em virtude d'isso pedi ao Govêrno uma sindicancia, e que durante ela se me permitisse estar afastado da direcção do Museu. O Sr. Ministro do Interior, Dr. Rodrigo Rodrigues, concedeu-me o que pedi, e procedeu-se a um inquérito dos meus actos como director do Museu. Mal havia ainda começado a sindicancia, e volta á balha no parlamento o Sr. Eduardo de Almeida a meu respeito, formulando mais pedidos, alguns dos quaes até brigavam com os pontos que deviam tratar-se na sindicancia. *Quid illuc hominis est?* O homem está em brasa! pensei eu. E não terá ele nas sessões assuntos momentosos que ventilar em prol da nação?—Todavia, como eu não tinha culpas no cartorio, e confiava em que tanto o Sr. Sindicante, Prof. Agostinho Fortes, como o Sr. Ministro do Interior, Dr. Rodrigo Rodrigues, me haviam de fazer justiça, esperei com serenidade a seqüencia dos acontecimentos.

Entretanto o Sr. Fortes apresentava-me duas séries de quesitos, para eu responder, e a que eu respondi. São essas respostas que constituem o objecto dos dois capitulos seguintes, as quaes trago a lume por permissão e despacho de S. Ex.ª o Sr. Ministro.

---

[1] [A carta vai transcrita adiante].

CAPITULO PRIMEIRO

PEDIDOS DO SR. DEPUTADO EDUARDO DE ALMEIDA

A RESPEITO DO

MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUÊS

E

RESPOSTAS DO DIRECTOR DO MESMO MUSEU

PEDIDOS DO SR. DEPUTADO

Requeiro pelo Ministerio do Interior, Direcção Geral da Instrução Secundaria e Superior, me seja enviada:

1) Uma cópia do Inventario do Museu Etnologico, com indicação especificada e precisa dos exemplares adquiridos por compra, e dos que foram oferecidos gratuitamente ao Museu;

2) Um exemplar do Catalogo impresso do Museu Etnologico, ou cópia de Catalogo manuscrito;

3) Relação das fotografias, desenhos, plantas e reproducções em gesso, galvanoplastia, enviados do Museu Etnologico para a sala da Lusitania da Exposição Arqueologica, em Roma, no anno de 1911;

4) Com a data precisa da respectiva remessa;

5) Relatorio apresentado pelo Director do Museu Etnologico sobre as comissões scientificas que tem desempenhado no estrangeiro como representante oficial do Governo Português, nomeadamente nos congressos internacionaes de Arqueologia de Atenas, Cairo e Roma.

RESPOSTAS DO DIRECTOR DO MUSEU

I

O 1.º pedido é ilógico, porque, se o Sr. Deputado me acusa, em sessão de 12 de Março do corrente ano, de não haver no Museu Inventario [1], como é que me pede cópia de uma cousa, que, segundo ele, não existe? — Além d'isso, um dos pontos da sindicancia que ora se está fazendo no Museu é o Inventario, e creio que só depois de ela terminar se poderá responder cabalmente. Por outro lado, eu julgo dever ponderar que mais facil seria ao Sr. Deputado, para bem do serviço público, vir ao Museu, e esclarecer directamente o seu espirito àcerca do que deseja saber, do que executar-se uma cópia como a que pretende, e para a qual o Govêrno teria de enviar-me um escriturario, visto que o Museu o não tem.

Os objectos adquiridos por compra constam dos documentos de despesa normalmente enviados para o antigo Ministerio das Obras Públicas e moderno do Fomento, e para o do Interior, onde o Sr. Deputado os póde examinar; acrescentarei que parte d'eles está mencionada na secção de «Acquisições» do *Archeologo Português,* do volume I em diante.

Quanto aos objectos oferecidos, declararei que grande parte das ofertas têm sido feitas PARTICULARMENTE A MIM POR AMIGOS MEUS PESSOAES, e que sou eu que os dou ao Museu: da referida secção do *Archeologo,* bem como dos volumes das minhas *Religiões da Lusitania,* constam extensas listas de nomes de benemeritos. Outros objectos são dados ao Museu POR MEU PEDIDO (junto um exemplar de uma circular impressa que tenho mandado [2]). Só poucos têm sido oferecidos espontaneamente, e ha muitos que SÃO PROPRIEDADE MINHA, e que eu possuia antes de haver Museu.

Se não fossem os meus esforços constantes,=o que posso provar com a correspondencia arquivada, e com o testemunho INSUSPEITO e SINCERO de centenares de pessoas por esse país fóra=, o Museu sería hoje pobre. Não faria eu louvores a mim proprio, se não fosse em caso de fôrça maior, pois me parece que o estranho pedido do Sr. Deputado não terá por fim glorificar-me pelo meu labor continuado e árduo, durante 20 anos, e trabalhando eu de graça alguns d'eles. Ao passo que o Sr. Deputado dispõe da tribuna parlamentar para em público lançar sobre mim suspeitas durissimas, eu por em quanto não possuo outro meio de defesa senão este pedaço de papel.

---

[1] [Vid. adiante].
[2] [Esta circular vai transcrita adiante, como apêndice].

II

O 2.º pedido tem duas partes: uma referente ao Catalogo manuscrito; outra ao impresso.

Primeira parte.—Para se organizar um completo catalogo do Museu seria preciso pessoal de que não disponho; mas já ha muito trabalho feito: catalogo das medalhas, catalogo do ouro e prata, catalogo dos ex-libris, catalogo das moedas portuguesas, catalogo das figuras de bronze romanas e pre-romanas, catalogo de parte das estampas, catalogo de grande parte da epigrafia, catalogo de grande parte da etnografia, catalogo da biblioteca, indice geografico dos mostradores da secção prehistorica, etc. Por falta de pessoal tenho pedido a alguns amigos que me ajudassem; o pessoal do Museu, além de nem todo ter, nem poder ter, habilitações especiaes para tão varios assuntos, ou ha-de ocupar-se a obter objectos, a dispô-los, a estudá-los, e a cuidar de mil diversas outras cousas que igualmente pertencem ao Museu, ou ha-de ocupar-se só com catalogos. Isto é materia que mal póde tratar-se e explicar-se por escrito. Venha o Sr. Deputado ao Museu: nada perderá com a visita: eu acompanhá-lo-hei e o elucidarei vocalmente, e ele ficará conhecendo melhor tudo, visto que deve estar na mesma intenção de ser tão util á patria como eu, que ao Museu Etnologico tenho consagrado o melhor da minha vida, como do mesmo clarissimamente consta. — Outra dificuldade para o complemento do catalogo provém de o Museu NÃO ESTAR AINDA DE TODO INSTALADO: por falta de salas, que se andam fazendo, e as quaes ha muitos anos peço, tenho guardados em caixas numerosos objectos. Como se hão-de catalogar objectos ainda encaixotados? — Só quem inteiramente não conhece a natureza de um museu como o Etnologico, é que deixaria de pesar estas circunstancias.

Segunda parte.—Apesar do que digo acima, já, a titulo de ensaio, comecei a publicar catalogos parciaes: o das medalhas saiu no *Archeologo*, XIV, 84; o dos manuscritos começou a sair no mesmo periódico, XVII, 196; e tenho tenção de em breve publicar o das marcas figulinas, e um catalogo sucinto, mas geral, de todo o Museu, para uso dos visitantes, como para o mesmo uso publiquei sumarios, que primeiro sairam no *Archeologo:* X, 65; XI, 160; XII, 125. Não está tão descurado este assunto como alguem menos informado poderá julgar, NEM ERA POSSIVEL TER FEITO MAIS, EM FAVOR DO MUSEU, DO QUE O QUE COM O MEU PESSOAL TENHO FEITO. Póde o Sr. deputado ficar certo d'isso, pois o Museu O FORMEI DESDE O PRIMEIRO OBJECTO: a princípio, em companhia de um simples conductor de O. P., embora muito habil, depois eu sózinho, ou com um guarda inválido, que nada me fazia; o outro pessoal foi acrescentado sucessivamente, e tambem sucessivamente deminuido. SE NÃO FOSSE O MEU ESFORÇO INDIVIDUAL, já para arranjar casa, já para arranjar verbas, já para arranjar mobilia, já para arranjar objectos, já para arranjar empregados, — esfôrço tenaz, do qual vejo com infinita mágoa que o Sr. Deputado duvída, em vez de, como era de esperar, me aplaudir e me estimular, — o Museu Etnologico Português NÃO EXISTIRIA. E ele existe, para honra de todos, louvado pelas pessoas competentes, de cá e de fóra! e proveitoso á patria e á sciencia!

III

O 3.º pedido não sei se me é feito para eu ser censurado na hipotese de não ter mandado objectos para Roma, ou se para tambem o ser na hipotese de os ter mandado. Em qualquer dos casos respondo o seguinte. Pediram-me da Exposição

de Roma em 1911 autorização para eu deixar fotografar e reproduzir objectos do Museu, á custa da comissão da exposição: respondi afirmativamente, mas nunca veio ninguem fazer as fotografias ou as reproducções, postoque houvessem dito que alguem cá viria. Como porém eu supus seria desdouro não ficar Portugal representado na exposição, visto haver lá uma secção consagrada ás provincias do Imperio Romano, enviei desenhos e fotografias que tinha em duplicado, ou que mandei fazer expressamente, — de monumentos arqueologicos nossos. Isto deve ter chegado a Roma, pois que o remeti registado.

IV

Ao 4.º pedido poderá responder o correio que fez o registo (Belem). — Não deixei indicação da data da remessa, porque tenho mais que fazer, do que estar a tomar nota de todas as informações e materiaes que, como posso provar com muitissimas cartas que possuo, me pedem de toda a parte, e constantemente, na minha qualidade de director do Museu. Só em respostas neste sentido se me vai boa parte do meu tempo!

V

Ao 5.º pedido respondo que as unicas vezes que representei o Govêrno Português fóra de Portugal foi nos congressos arqueologicos de Atenas em 1905, do Cairo em 1909, e de Roma em 1912. Os diplomas que me incumbiram de tal e tão honrosa representação NÃO ME MANDARAM FAZER RELATORIO NENHUM, como consta da Portaria do Ministerio das Obras Publicas de 2 de Março de 1905, de um oficio da Direcção Geral de O. P. de 17 de Março de 1909, e do *Diario do Governo* de 4 de Setembro de 1912. Em todo o caso, como eu, quando viajo, é SEMPRE para estudo, d'isso fiz documento, e melhor que quaesquer relatorios elaborados mèramente *pro forma*, fala a intervenção que tive nesses congressos, os resultados scientificos que colhi, e os objectos que trouxe para o Museu. Aqui sumarío tudo:

a) Congresso de Atenas. — Apresentei uma memoria em francês, que foi publicada no *Archeologo*, X, 169, e reproduzida em jornaes numismaticos de França e de Italia. — Obtive varias antiguidades gregas, romanas, etc., que estão no Museu, secção estrangeira, armarios da Grecia e Roma e noutros mostradores: vid. o *Archeologo*, XI, 92.

b) Congresso do Cairo. — Fui nomeado presidente de uma das secções. — Tomei parte nas discussões, como consta das Actas. — Nas *Religiões da Lusitania*, III, 198, 246, 343, 470, 536, etc., aproveito frutos que colhi ou no Egito ou nos outros países em que estive por ocasião da viagem. — Comprei alguns objectos para o Museu, e obtive outros de graça: vid. o *Archeologo*, XVI, 114, 119, 120. Entre os objectos adquiridos figura uma colecção de placas de lousa pre-historicas, de grande importancia, pela semelhança que ha entre esses objectos egipcios e os nossos da mesma epoca, — segundo o que notei no *Archeologo*, XI, 342, nota. Os entendidos poderão dizer aqui alguma cousa!

c) Congresso de Roma. — Outra vez me deram a distinção de me elegerem presidente de uma das secções. — Li uma memoria e uma nota: aquela publicada no *Archeologo,* vol. XVII, e esta no prelo. — Em Roma comprei varios objectos para o Museu. — Em Tolosa o sabio arqueologo Emilio Cartailhac ofereceu-me uma colecção de objectos paleoliticos franceses para a secção estrangeira do Museu (a qual porém ainda não chegou). — Da minha interferencia no Congresso dará testemunho o Sr. Dr. Eusebio Lião, nosso Ministro na Italia, o qual me quis conceder a honra de com o seu secretario assistir á sessão em que usei da palavra.

— Nestas viagens relacionei-me com arqueologos notaveis, visitei museus e bibliotecas, vi monumentos: emfim, instruí-me o mais que pude, pois creio que convém a quem dirige um museu, como o Etnologico, ter alguma instrução. Além d'isso, consegui que o *Archeologo* se trocasse com varias revistas estrangeiras congeneres, o que serve de enriquecer a biblioteca do Museu.

Das outras vezes que saí de Portugal não tive encargo de representar o Govêrno; fui para meu estudo proprio. Essas viagens tambem não foram improfícuas. Já não contando os conhecimentos que adquiri, como provarei com documentos, se fôr preciso, e que me ajudam a desempenhar-me melhor dos meus cargos oficiaes, bastava ter descoberto em Leiden o manuscrito provençal de *Sancta Fides* (sec. XII), e em Viena d'Austria o *Fabulario Português* (sec. XV), para ter compensado plenissimamente as minhas estadas lá fóra. As pessoas que entendem do assunto deram a esses descobrimentos o devido valor: a) a respeito de *Sancta Fides* vid.: *Annales du Midi,* XV, 133; *Zur Metrik der Sancta Fides* de Appel (Breslau); *La patria e la data della Santa Fede,* de P. Rajna; *Journal des savants,* Junho de 1903, p. 337-345; *Facsimili di docum.* de Monaci, 1910, p. 25-26; Crescini, *Manueletto provenzale,* 2.ª ed., p. 188; *Zur provenzalischen Verslegende von der h. Fides von Agen,* de Gröber (1907); *Zeitschrift für romanische Philologie,* XXVII, 251; b) a respeito do *Fabulario* vid.: *Romania,* XXXVI, 155; *Litbl. f. germ. u. rom. Philol.,* 1907, col. 161; *Bulletin Hispanique,* IX, 310; *Zs. f. rom. Philol.,* XXXII, 88; *Rev. des l. rom.,* LI, 373; Th. Braga, *Hist. da literatura* (medieval). — A par com o que fica mencionado lembrarei que em Roma descobri um importante adagiario português manuscrito, e em Madrid adquiri para o Museu um precioso texto do seculo XV. A isto juntem-se os numerosos objectos que, não incluindo os já acima indicados, obtive na Suiça, na França, na Alemanha, na Espanha, — entre eles um fundo-de-patéra de prata, da epoca lusitano-romana, muito importante (objecto que havia saído de Portugal, e que assim restituí á Arqueologia nacional). — Quem perante tantas provas de que aproveitei o meu tempo, se deterá a pedir-me relatorios? Os relatorios seriam peças literarias, quando muito. E isto são documentos positivos e uteis.

Lisboa, 10 de Abril de 1913.

José Leite de Vasconcellos,

Director-organizador do Museu Etnologico Português.

APENDICE AO CAPITULO I

Carta-circular dirigida ha anos pelo director do Museu Etnologico a varias pessoas que ele entendeu que o podiam ajudar

Ex.mo Sr.:

O Museu Ethnologico Português, installado numa das alas do monumental mosteiro dos Jeronimos em Belem (Lisboa), tem por fim archivar documentos archeologicos, ethnographicos (modernos) e anthropologicos (antigos e actuaes), que sirvam para se conhecer, cada vez melhor, a vida, origem e caracteres do povo português.

Embora elle já contenha importantes collecções, sobretudo archeologicas, que muito podem utilizar, e tem realmente utilizado, aos estudiosos, não possue ainda tantas como seria mister. Julgo pois indispensavel dar-lhe constante incremento.

Numa viagem que ultimamente (1905) realizei pela Grecia, Italia, Suiça, França e Hespanha vi tantos museus, e em geral tão ricos e tão bem organizados, que ardo no desejo de que o Museu Ethnologico, como estabelecimento nacional que é, e de mais a mais central, por existir na capital do reino, corresponda o melhor possivel ás exigencias da sciencia moderna, e esteja á altura da dignidade da patria.

Visto que, com relação a instituições d'esta natureza, não bastam os recursos officiaes, e se necessita muito em especial o auxílio do público, resolvi dirigir-me particularmente a varias pessoas, que, tendo collecções archeologicas, ethnographicas ou anthropologicas, estiverem no caso de dispensar duplicados, ou, possuindo apenas objectos avulsos, quiserem privar-se d'elles em proveito de uma nascente instituição scientifica, — e sollicitar-lhes quaesquer donativos em beneficio do Museu.

Esses donativos podem consistir, por exemplo, no seguinte:

1) moedas antigas (gregas, romanas, byzantinas, portuguesas);
2) medalhas, contos, condecorações, veronicas, sinetes;
3) lapides com inscripções (portuguesas, arabicas, latinas, ibericas, hebraicas);
4) figuras de pedra (estatuas, cabeças), pedras esculpturadas, mosaicos;

5) vasilhas antigas, ou grandes telhões achados em ruinas, em excavações agrarias, etc.; candeias de barro ou de bronze; pesos de barro ou de bronze;

6) figurinhas de metal antigas que representem animaes, divindades ou seres humanos; fivelas e varios ornatos de bronze, de vidro, de osso, de marfim;

7) machados de pedra, que o vulgo costuma chamar RAIOS, CORISCOS, CENTELHAS, FAISCAS, PERIGOS;

8) cunhas ou machados de cobre ou de bronze;

9) lanças, espadas, facas, punhaes, de bronze ou de ferro;

10) gravuras portuguesas executadas em papel, e pinturas feitas em pergaminho, em tela, em madeira, em cobre;

11) louças portuguesas antigas, e azulejos;

12) vestuarios hoje desusados;

13) instrumentos musicos d'outr'ora;

14) manuscritos; pergaminhos com escritura antiga; ex-libris portugueses;

15) Armas e armaduras antigas, de epoca portuguesa (espadas, punhaes, capacetes);

16) certos objectos ethnographicos modernos, mas raros ou curiosos (polvorinhos ornamentados, amuletos, etc.), — tanto do continente como das colonias;

17) ossadas humanas encontradas em estações archeologicas.

Caso V. Ex.ª possa concorrer com algum objecto d'esta especie, ou analogo, para o augmento e lustre do Museu, rogo a V. Ex.ª muito encarecidamente que concorra; e ao mesmo tempo peço desculpa da liberdade que tomei, ao que fui levado por confiar na illustração de V. Ex.ª, que comprehende perfeitamente qual é o alcance e a significação de um museu como o Ethnologico[1].

Sou com toda a consideração,

De V. Ex.ª
muito att.º e v.or

Dr. J. Leite de Vasconcellos,
Director do Museu Ethnologico Português,
Belem (LISBOA)

P. S. — Escusado seria dizer que junto dos objectos ficarão no Museu os nomes das pessoas que os offerecerem.

Se V. Ex.ª quiser que a offerta *seja consagrada á memoria de uma pessoa que já morreu* (um parente, um amigo), isso se declarará tambem ao pé dos objectos.

As despesas com os transportes ficam a cargo do Museu.

---

[1] A lista que apresento é necessariamente incompleta; todavia entende-se que o Museu receberá com fervor todos os objectos, que lhe mandarem, de valor archeologico, ethnographico ou anthropologico, — mesmo de procedencia estrangeira.

Não é indispensavel que os objectos offerecidos sejam inteiros ou estejam em bom estado; servem mesmo, á falta de melhor, objectos quebrados e velhos (o caso é terem merecimento).

Pede-se a fineza de remeter com cada objecto um papel em que se indique o local e data em que este appareceu, ou a região a que pertence.

CAPITULO SEGUNDO

SINDICANCIA DO MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUÊS

RESPOSTA DO DIRECTOR DO MESMO MUSEU

AOS

QUESITOS APRESENTADOS PELO SR. SINDICANTE

SUMÁRIO

Preliminar. — Determinação das causas que motivaram as acusações. — Súmula das acusações. — Resposta ás acusações, uma á uma. — Remate.

Perante esta sindicancia imagino-me nas condições de um individuo particular a quem uma pessoa estranha fosse pedir contas do que se passa em casa d'ele, do que lhe pertence como proprio, do que ele obteve com o seu espirito e o seu suor: tanto eu, á fôrça de pensar na criação do Museu, de o ter organizado, desde o princípio, á custa de imensas canseiras, de ter ahi pôsto objectos que me pertencem, de ter constantemente, por toda a parte e por todos os modos, envidado esforços para o enriquecer, e o tornar digno e util, me costumei a CONSIDERÁ-LO MEU! E o mesmo proclamam todas as pessoas sinceras que me conhecem. Em tais circunstancias, como que pergunto a mim mesmo: que é que querem do Museu? Por ventura ha alguem no mundo que possa ter mais cuidado com ele, que mais se afligisse se nele existissem faltas e irregularidades, do que o seu organizador e mantenedor? Ministros, deputados, sindicante, público, que vem cá fazer?

Mas que digo eu? Que ilusão é a minha? Eu sou funcionario público, sou director do Museu Etnologico: e embora, pela razão das cousas, devesse ser a mim que competisse o direito de oficialmente acusar quem sobre o Museu lança suspeitas (digo *oficialmente,* porque *particularmente* ninguem me tolhe esse direito), tenho de vir dar contas estreitas e rigorosas d'aquilo que é mais do meu interesse do que do de ninguem; tenho de vir, como um reu, ao tribunal que se constituiu dentro do proprio edificio que com tanta dificuldade obtive para o Museu, responder a acusações, a um tempo vèxatorias e fantasticas, que com o mais leve sôpro se somem, e que nunca seriam formuladas, se quem no Parlamento deu causa imediata a elas procedesse como devia, isto é, se acedendo a um convite que lhe fiz em 1911 [1], tivesse vindo ao Museu ver e observar o que nele se passa:

Que exemplos a futuros escritores
Para espertar engenhos curiosos
Para pôrem as cousas em memoria
Que merecerem ter eterna gloria!

---

[1] [Vid. supra, pag. 5-6].

*

Como, pela minha prática das investigações historicas, estou habituado a apreciar encadeados entre si os fenomenos sociaes, não desejo responder ás acusações sem primeiro determinar a origem de toda a presente tramoia, de modo que se perceba bem qual é a significação das mesmas.

Resumirei o mais possivel, para evitar enfados.

Ha um sujeito, de nome **ANTONIO MESQUITA DE FIGUEIREDO,** fotografo-amador, e bacharel em Direito, alcunhado de *XILDE* pelos Coimbrões [1], o qual ha bastantes anos, quando ainda era muito novo e estudava preparatorios em Lisboa, se relacionou comigo, porque mostrava certa inclinação para a Arqueologia. Por indole minha, animei-o sempre, e ele o confessa num meigengro folheto que publicou em 1894 intitulado *Breves apontamentos para a historia da pesca em Portugal;* além d'isso dei-lhe acolhimento n*O Archeologo Português,* publicando-lhe eu aí umas cousas, que primeiro lhe emendára. O rapaz, á proporção que ia crescendo, mostrava-se porém muito maldizente, intriguista, contraditorio, muito superficial no seu estudo, postoque muito soberbo, e tanto que uma vez me disse vocalmente, a mim, a quem ele estava sempre a dirigir perguntas, *que não admitia a autoridade de ninguem.*

Eis as provas, extraídas de cartas que me escreveu, e que eu conservo e mostrei ao Ex.mo Sindicante. São particulares estas cartas, é certo, mas ninguem me póde censurar de me servir d'elas, pois que constituem elementos essenciaes da minha defesa. Noutras condições não as utilizaria.

a) *Maledicencia, intriga, e contradição:*

1. Em carta de 27 de Junho de 1899 escreveu-me a respeito do Dr. Santos Rocha, fundador do Museu da Figueira, e um dos arqueologos a quem a sciencia portuguesa deve grandiosos serviços:

«Eu não me admira nada que o Santos Rocha não quisesse assistir á confe-»rencia do Reinach — estou certo que elle pouco sabe fallar francês — e de outro »modo se não comprehende, elle que tanto gosta de honrarias e elogios.»

Note-se que Rocha viajou bastante; e como havia ele de o fazer, se não soubesse suficientemente falar francês?

2. De uma carta de 10 de Setembro de 1899, datada da Figueira, onde ele frequentava o Museu e convivia com o Dr. Santos Rocha, e com um pobre professor primario chamado Pedro Belchior da Cruz, que começava a entusiasmar-se tambem com a Arqueologia, — hoje falecido:

«Pedro Belchior da Cruz [2] agora é um rafeiro do Santos Rocha, até já tem »as chaves do Museu em seu poder.»

3. Da mesma carta:

«Houve agora ha tempos na Figueira uma notavel descoberta archeologica.

---

[1] Esta alcunha provém de ele ter, quando professor provisorio de inglês no Liceu de Coimbra, ensinado os seus alunos a pronunciarem *xilde* a moderna palavra inglesa *child.*

[2] O nome por extenso, por ironia. São chufas por todos os poros!

»Trata-se de um testemunho da estada dos Gregos em Portugal *mais dos phenicios* »*e nomeadamente na Figueira onde foram frequentadores assiduos da casa do Fe-* »*teira*[1]. *Só á vista lhe contarei a historia que é muito comprida e o assumpto muito* »*particular — até uma inscripção grega descobriram!?? Gloria aos sabios archeolo-* »*gos!!! Gloria ao F.*[2], *ao Belchior, a toda a gente!!!!...*»[3].

Eu recebi esta carta fóra de Portugal, por onde andava em viagem de estudo. Ignorava pois o que era isto, e não pouco surpreendido fiquei com a notícia; mas depois vim a saber que todo este chorrilho de insultos tinha por base um dos mais notaveis descobrimentos arqueologicos feitos por Santos Rocha, e que ele consignou num importante estudo da *Portugalia,* II, 310 ss.: Santa Olaia, castro da 2.ª idade do ferro.

4. Da mesma carta:

«O Rocha agora intertem-se *(sic!)* a concertar *potes,* como viu no estran- »geiro — não tem feito nada de notavel.»

Em carta de 30 de Julho de 1899 dissera-me exactamente o contrário:

«O vaso enorme que o Santos Rocha anda reconstruindo é muito interes- »sante.»

O ilustre arqueologo Rocha, aproveitando simples cacos que encontrou em excavações, e unindo-os entre si, conseguiu restaurar magnificos espécimes ceramicos em que ele vê efectivamente influencia punica, e que todas as pessoas bem intencionadas admiram no Museu da Figueira. E' contra estas maravilhas da habilidade e do saber que se insurge a prosa xildiana de 10 de Setembro!

5. A respeito d*O Archeologo* diz-me na mesma carta de 10 de Setembro:

«.. affirmou-me o Dr. Rocha peremptoriamente que elle ia acabar, assim »como o Museu Ethnologico. Elle que o diz é porque o sabe.»

Eu a esse tempo estava, como disse, fóra de Portugal. Era pois uma noticia que muito bem me devia dispôr! A ela porém faltava todo o fundamento. O signatario da carta só tinha por fim intrigar-me com Santos Rocha.

6. De uma carta de 14 de Setembro de 1899.

«Desappareceu ha dias aqui da Figueira, sem me ter dito para onde ia, o »Professor Belchior. — Desconfiei que tivesse ido a exploração archeologica por »conta do Rocha, de que elle é agora capacho, e investigando um pouco, antes »delle chegar, e agora fazendo-o dar á lingua, soube que havia ido ao Cadaval e a »Pragança fazer excavações por conta do Dr. Santos Rocha!! O Garcia tambem »entrou na festa. Veja pois o que lhe fazem os seus amigos.»

O Cadaval e Pragança são dois dos meus principaes campos de investigação arqueologica, porque no concelho tenho parentes e um casal, e aí exerci medicina uns meses. Garcia, professor de Pragança, já falecido, foi-me sempre muito dedicado, como consta d*O Archeologo,* XIV, 245 e 247. O signatario da carta, que, por não ter que fazer, gosta de escabichar as vidas alheias, para zombar perfidamente de tudo, só procurava malquistar-me com os meus amigos!

---

[1] Já não me lembra bem o que era a casa do Feteira, mas creio que era uma taberna.
[2] Omito o nome, por ser de uma pessoa viva.
[3] As admirações são d'ele, e o italico.

7. Fazendo-lhe eu algumas observações a cousas desagradaveis que me dissera em uma carta, respondeu-me em 26 de Setembro de 1899:

«Parece que não gostou muito do que eu lhe disse na minha ultima carta. »Arrependido estou de o ter feito, porém, como muito bem sabe.., não tenho pa»pas na lingua.»

Ao menos falou verdade uma vez!

b) *Superficialidade:*

Em carta de 11 de Julho de 1899:

«amanhã 12 faço exame de allemão. Vamos a ver se não apanharei algum »*chumbo.* Grammatica sei eu, mas trad(ucção) *nicht:* poucos significados sei de cór.»

Esta carta pouco prova; contudo é sintomatica do que depois havia de suceder, pois o signatario d'ela, apesar de estar formado ha alguns anos, e de ser tão mordaz, não só não teve ainda coragem de ir a concursos de empregos que tanto ambiciona (na Torre do Tombo, na Biblioteca Nacional, e no proprio Museu Etnologico), mas nunca, que eu saiba, deu a lume cousa em que revele, já não digo a minima capacidade literaria, mas a minima erudição.

c) *Soberba:*

Em carta de 29 de Junho de 1899:

«Com respeito ao F., o meu Amigo bem sabe que perante a boa e sã logica, »o criterio que menos deve ser seguido é o da *auctoridade.* Ora tambem é sabido, »que elle embora seja muito intendido em terrenos secundarios, não sabe ou não »trata de mais nada, e de prehistoria só lhe meche *(sic!) por incidente!*» [1].

Isto refere-se a um geologo distintissimo, a quem a Prehistoria deve tambem importantes trabalhos. Que tal está a vespa!

*
* *

Apesar de tais documentos, que eu possuia, do caracter e esperanças do meu *amigo,* fui-o suportando, por atribuir aqueles desmandos á idade juvenil, e porque eu gostava muito dos pais. Todavia, como uma vez eu, aí por 1900, lhe indicasse muitos erros em certo artigo que me queria dar para *O Archeologo,* as nossas relações esfriaram, visto que ele *não admitia a autoridade de ninguem,* e conservaram-se frias creio que até 1907, em que me tornou a aparecer, para me pedir que o admitisse como ouvinte na minha aula de Numismatica da Biblioteca Nacional, o que eu lhe concedi. A esta concessão generosa seguiu-se a exibição de novas intrigas e maledicencias, que me indispuseram cada vez mais com ele: o que não vale a pena relatar, porque tenho ainda de transcrever trechos preciosos de mais duas cartas, as quaes tambem mostrei ao Ex.mo Sindicante:

a) *De uma carta de 13-XI-1908* (de Coimbra):

---

[1] O italico é d'ele.

«Caro Mestre e Presado Amigo:

».. Quando estudei Antropologia com o Bernardino Machado, elle obrigou-»nos a todos os alumnos a comprarmos cada um o seu *compasso de espessura do* »*Broca,* fabricado por Mathieu. Eu possuo ainda este instrumento, que é excel-»lente, e está completamente novo; como não faço estudos da especialidade, ha »muito que resolvi vendê-lo — custou-me com direitos e transporte aproximada-»mente 8000 reis — vendo-o por 6000. Acaso o Meu Amigo o quererá comprar »para o Museu Ethnologico, onde elle tem optimo logar na secção d'anthropologia? »Está perfeitamente conservado, nunca serviu mesmo[1], e é d'um fabricante d'uni-»versal renome. Responda o Meu Caro Mestre.. eu lhe enviarei o compasso, caso »o queira comprar pelo preço, que é barato, fique certo. Receba o Meu Presado »Amigo muitos cumprimentos de Meus Paes e um abraço do seu velho amigo e »antigo discipulo: *Antonio Mesquita de Figueiredo.*»

b) *De uma carta de 20-XI-1908* (de Coimbra):

Como ele possuia uma colecção de objectos arqueologicos e etnograficos, e me dissesse que os venderia ao Museu, entrámos em negociações. D'isso trata a seguinte carta, que é a mais importante de todas, e para a qual chamo particularmente a atenção de quem me ha-de julgar:

«Caro Mestre e presado amigo,

»Continúo a estar resolvido a vender as minhas collecções d'ethnographia e »archeologia, e visto que o Meu Amigo as quer comprar para o seu Museu, es-»tão ás suas ordens, e de certo faremos negócio, se concordarmos no preço. Eu vi »novamente tudo, e avaliei ambas as collecções em 100$000 rs.; é pois este o »preço pelo qual as vendo. Afasto-me d'ellas com muito sentimento, mas é o fim »de todas as collecções particulares: irem para os museus publicos, onde ficam bem »guardadas, e onde podem servir para *todos* estudarem. — Tenho bastante pena »que não queira comprar o compasso de espessura de Broca — é um bello instru-»mento e sobretudo barato — se o mandasse vir agora quanto lhe custaria?! com »tal cambio, transporte e direitos alfandegarios! — SE O MEU AMIGO QUISESSE »ARRANJAR-ME UM LOGAR NO MUSEU, o que lhe seria facil, porque de mais a mais »tem vagas no quadro do pessoal, é claro que as minhas collecções as offerecia.... »Abraça-o o seu velho Amigo: *Antonio Mesquita de Figueiredo.*»

Não aceitei as propostas da venda, porque do compasso, não obstante a rabulice com que m'o inculcava e oferecia, não necessitava eu, e a colecção era cara de mais; e muito menos me resolvi a admiti-lo no Museu, pois farto estava eu de o conhecer, como se viu dos trechos epistolares que transcrevi.

O meu *amigo* encheu-se de íntimo rancor, e esperou ocasião de se vingar. Esta ocasião entendeu ele que devia ser logo pouco depois da proclamação da Republica: e de facto iniciou em um jornal d'esta cidade, no primeiro trimestre do anno de 1911, desaforada campanha, já contra mim, já contra o Museu, campanha que se propagou a outros jornaes, tais como *O Paiz* e *A Alvorada.* De todos os artigos só li um, o primeiro, por não saber de que é que se tratava: e muito surpreendido fiquei ao ver que o sobrescrevia um individuo que noutros tempos, tres

---

[1] Este descanso, dado ao compasso, é mais uma prova para juntar ás que acima dei da superficialidade do nosso homem. Compasso e livros, tudo repousa! Só a lingoa não!

anos antes, me chamava «amigo» e «mestre». Não li mais nenhum: declaro-o por minha honra. Não li, e por isso não respondi. Desprezei o autor d'eles:

> Julguei sempre o silencio por melhor,
> Por fugir da peçonha que derrama
> A lingua má do mau murmurador [1].

Todavia sei por alguns amigos que os artigos eram violentos e difamadores. Num, por exemplo, consta-me que se dizia que eu embolsára 540$000 rs. para compra de um mosaico romano de Oeiras, quando, como provo com um oficio de 20 de Fevereiro de 1913, da Direcção Geral das Obras Públicas, nunca me entregaram essa quantia. Noutro dizia-se que eu recebêra do Colegio de Campolide para o Museu uns baús com papéis de jesuitas, quando, como deve provar-se da sindicancia, os baús não continham papéis de jesuitas, nem vieram do Colegio de Campolide, nem se destinavam ao Museu. Noutro, ou noutros, eu era apelidado de ignorante: em verdade, apesar de haver coligido, ou feito coligir com o meu pessoal, os milhares de objectos que formam o Museu Etnologico e os haver classificado, de haver publicado obras (livros e opusculos) em número de duzentas e duas, de possuir quatro cursos superiores (sendo dois d'eles com as maiores distinções escolares), de haver sido conservador da Biblioteca Nacional durante uns 24 anos e professor do Curso de Bibliotecario-Arquivista durante uns 23 e ser actualmente professor da Universidade de Lisboa, onde ensino quatro disciplinas, — não pretendo de modo algum, isso sería loucura ou basofia demasiada, que me chamem sabio; mas tambem não é o inventor da palavra *xilde* que está no caso de me fazer observações scientificas, ele que, com quanto tenha um curso superior (ao qual contraponho os meus quatro), jamais passou de rabiscar uns miseros e chochos artiguelhos em jornaes, e cartas palavreiras a este e àquele, contra um e contra outro!

O que diziam os redactores da *Alvorada* e do *Paiz* nada me afligia, porque nenhum dos dois jornaes tem cotação alguma. O redactor da *Alvorada* é um Mario Monteiro, que ha tempos esteve preso no Castelo de S. Jorge, e de quem se póde dizer, parafraseando Horacio: *faenum habet in capite, longe fuge!* [2] O redactor do *Paiz* é um Meira e Sousa, que nem biografia tem:

---

[1] Diogo Bernardez, *O Lima*, 1820, pag. 120.

[2] [Mais um pormenor.

Em 1901 um grupo de estudantes de Coimbra festejou o S. João com fogueiras, danças, e versos. Os versos foram publicados em 1902 em cartões por José de Elyseu. Um amigo meu, que me deu estas informações, enviou-me os cartões, e num d'eles, que se intitula *Rancho Flor da Mocidade — Pateo da Inquisição — 1902*, ha a seguinte poesia assinada por *Mario Monteiro:*

> Fui hoje ao campo
> Escolher flores,
> Com que brindar
> Os meus amores.
>
> Uma por uma,
> Busco a mais bella;
> Nenhuma encontro
> Ser digna d'ella.
>
> De correr tudo
> Cançado emfim
> Colhi fragrante,
> Alvo jasmim.
>
> E antes que ao calix
> Desbote a côr,
> Vou a offertal-o
> Ao meu amor.
>
> Vamos todos, raparigas,
> Pela manhã orvalhada;
> Vamos todos, colher rosas,
> Ao jardim da nossa amada...

poesia que depois apareceu transcrita no *Diario de Noticias* de 28 de Julho de 1902 com o se-

.. parto da Terra monstruoso;
Do humus primitivo e tenebroso
Geração casual.. [1]

Pelo que toca ás calunias do *Xilde,* que importancia havia eu de tambem ligar-lhes, se, ao passo que, quando se tornou meu inimigo, esgrime contra mim, me tinha outr'ora, quando se ufanava de me chamar amigo, feito elogios!

Em carta de 27 de Junho de 1899, escrita durante uma viagem que eu fazia fóra de Portugal para estudos etnologico-lingüisticos, diz-me:

«Venha.. o meu Amigo, com muita sciencia, e muito boas disposições para »continuar e desenvolver o gosto pelos estudos d'esta ordem..»

Em carta de 16 de Julho do mesmo ano, falando em seu nome e no dos pais:

«.. ficamos satisfeitos, como sempre, quando temos noticias dos nossos bons »amigos, dos quaes o Meu Amigo é o principal.»

Em carta de 5 de Maio de 1900 diz-me tambem, a proposito de referencias lisongeiras que me fizera o Dr. Meyer-Lübke, professor da Universidade de Viena de Austria:

«Não me admiraram em nada as palavras do Mayer-Lubke *(sic!)* — o que »me admiraria é que elle não disse-se *(sic!)* nada. Quem tão bem trabalha, e des»interessadamente, é bem que receba os louros que lhe são devidos.»

Finalmente, em carta de 13 de Novembro de 1908, escreve-me:

«Passei a minha collecção photographica, e encontrei muita cousa que lhe »póde servir para illustrar a futura obra sobre ethnographia portuguesa, e que »está ás suas ordens .. e muito orgulhoso me sinto em contribuir para a parte »artistica da sua obra, que como todas as que sahem das suas mãos, deve ser mo»numental.»

Diante destes testemunhos, e dos anteriormente transcritos (tudo mostrei no original ao Ex.mo Sindicante), que conceito merecem, repito, os desaforos que publicou em jornaes, e o depoimento que por ventura terá feito contra mim na sindicancia? Que caracter é este?

*

O meu caluniador, que, segundo se provou, o é por despeito, visto que eu lhe recusei a entrada no Museu como empregado (o director é, por lei, quem faz a proposta para o lugar que ele pedia), e lhe não comprei o que ele me queria vender, agregou a si, além dos mencionados Meira e Sousa, e Mario Monteiro (pessoas com quem nenhumas relações tive porém jamais, a quem nem conheço de vista, e que não sei por que motivo serio me atacaram), agregou a si uns antigos empre-

---

guinte comentario: «Estas quadras, á excepção da última, são copiadas da *Chronica Litte»raria* [*da Nova Academia Dramatica,* Coimbra, t. II], a pag. 63, e feitas em 1841 pelo Sr. J. »F(reire) (de) Serpa». Consta-me que a última quadra vem tambem em um antigo *Almanach de Lembranças,* mas não encontrei o respectivo volume.

Por não se poder admitir que, mesmo com auxílio do espiritismo, Freire de Serpa e o autor da última quadra adivinhassem o que havia de vir a lume passados muitos anos, conclue-se que Mario Monteiro subscreveu como suas, com incrivel desfaçamento, produções literarias que não lhe pertencem. E, ao que ouço, é este compositeiro de versos alheios quem de cima do muladar da *Alvorada* pespega sem rebuço máculas de ladrão em cidadãos puros! Como ás vezes no mundo os nomes andam trocados!]

[1] Anthero de Quental, *Sonetos,* Porto 1890, p. 75.

gados do Museu, que d'ele sairam por irregularidades que aí cometeram, e bem assim o Sr. Cesar da Silva, que, por eu não poder nem dever dar-lhe, a trôco de uma gratificação, o encargo que ele me pedira de catalogar as lapides epigraficas do Museu, se amuou comigo.

Aqui está TODA A BASE DA ACUSAÇÃO que me fazem: vingança e despeitos de um individuo malvado, que não contente com dejectar sòzinho perversidades contra um seu antigo amigo e mestre, como ele proprio lhe chamava em cartas, se socorreu de outros individuos do mesmo jaez.

Por fim, estas verrinas chegaram aos ouvidos do Ex.mo Deputado Eduardo de Almeida, que tambem pessoalmente instigado, como penso, pelo principal promotor d'elas, ousou formular no Parlamento umas acusações constantes do *Diario das Camaras* de 12 de Março de 1912; elas me obrigaram a pedir a sindicancia, cujo resultado é a resenha que o Ex.mo Sindicante me enviou em seu oficio de 26 do corrente:

1) que sou acusado de falta de inventario dos objectos do Museu e de falta de conta corrente;

2) que devo dar conta dos objectos de ouro comprados para o Museu;

3) que devo dizer quem foi que me auctorizou a guardar numa dependencia do Museu uns baús e caixotes de um particular;

4) que tive freqüentes conflitos com o pessoal;

5) que sou acusado, *sem dúvida injustamente* (acrescenta com toda a nobreza o Ex.mo Sindicante), de desvio de madeiras em obras minhas, e do aproveitamento do trabalho do carpinteiro que servia no Museu;

6) que durante muito tempo houve proibição de os visitantes tirarem cópias e notas dos objectos;

7) que a biblioteca do Museu não está pública;

8) que eu vendia por um vintem (por intermedio dos guardas) um folheto intitulado *Plano summario do Museu,* em meu proveito;

9) que eu estava fóra do Museu semanas e quinzenas sem dar satisfações a ninguem, chegando a encerrar o ponto pelo telefone.

*

Passarei a retorquir e a justificar-me.

I

Esta acusação decompõe-se em duas: falta de inventario, e falta de conta corrente. Ambas aleivosas.

Primeira parte. — O Museu foi criado em 20 de Dezembro de 1893. Logo no comêço, embora após muito trabalho, obtive as colecções de Estacio da Veiga, que se compunham do Museu do Algarve, e das que a familia d'aquele falecido arqueologo possuia em Lisboa, e em Cabanas da Conceição, ao pé de Tavira, aonde fui[1]. As tres colecções constavam de centenares de objectos, que vinham, como era natural, em muitos caixotes. Eu não tinha como auxiliar senão um condutor de Obras públicas, e o Museu Etnologico (então chamado Etnografico) dispunha

---

[1] Vid. *O Archeologo Port.*, VII, 157.

apenas de uma sala provisoria na Comissão Geologica, á qual, por efeito de muitas negociações e fadigas, consegui se adicionasse uma segunda, sem mobilia, e um claustro na Academia das Sciencias, tambem sem mobilia, e igualmente provisorio. Depois, pouco a pouco, arranjei a mobilia. Tudo isto levou muito tempo. Como é que eu havia de fazer inventario de objectos encaixotados, ou instalados provisoriamente, e de mais a mais desajudado de pessoal bastante? — Passados anos, o Museu Etnologico mudou para Belem, para o local que fôra ocupado pelo Museu Agricola. Teve de se desarrumar aquilo que já estava melhor ou pior arrumado, e teve de outra vez se encaixotar tudo. Acresce que eu andava em constante actividade a obter objectos, uns com excavações, outros por compras e dadivas. Quem é que em tais condições, — sem casa definitiva, sem mobilia, porque a que existia no Museu Agricola levaram-na quasi toda para a Sociedade de Geografia, e com o Museu a crescer todos os dias —, poderia pensar em inventario? Por fim o Museu instalou-se onde hoje está. A nova instalação obrigou outra vez a desarrumar tudo. E para esta instalação não havia mobilia bastante, que foi preciso mandar fazer sucessivamente. — Só quem tiver os olhos por inteiro fechados á evidencia, ou fôr muito perfido, é que deixará de pesar as considerações que ficam indicadas. — Apesar de tudo, HA INVENTARIO, que o Ex.mo Sindicante viu e examinou: este inventario ou livro de entrada começou a organizar-se em 1906, assim que as condições do Museu melhoraram, e se não está completo, é porque havia grande acumulação de objectos, e porque, por falta de salas, QUE SE ESTÃO FAZENDO, muitos d'eles estão ainda encaixotados. A par do inventario fizeram-se NUMEROSOS CATALOGOS, alguns d'eles já publicados, — como fica dito a pag. 11-12 da Resposta que dei ás perguntas do Ex.mo Deputado Eduardo de Almeida.

Segunda parte. — Ha, nem podia deixar de haver, livros de conta corrente, desde Janeiro de 1894 (pois que o Museu, como fica dito, foi fundado em 20 de Dezembro de 1893). Ao Ex.mo Sindicante os mostrei, e ele os achou em fórma.

II

No Museu ha cento e vinte e um objectos de ouro, que estão catalogados, e além d'isso quarenta e nove moedas de ouro (romanas, barbaras, arabicas e portuguesas). Tudo o Ex.mo Sindicante viu e examinou (objectos e catalogo). — A maioria dos objectos de ouro está encerrada num cofre forte, porque, se estivesse á mostra, corria risco de ser roubada, poisque o edificio do Museu não tem segurança, o pessoal é deminuto, e não ha guarda militar, não obstante a eu ter por vezes reclamado. Se os objectos estivessem expostos, eu seria naturalmente acusado de imprevidente. De modo que me vejo entre a espada e a parede: acusado de ter a bom recato os objectos de ouro; acusado (na hipotese) de os ter expostos! Quando se está de má vontade contra um individuo, ainda que contra ele nada com razão haja que dizer, nunca faltam invectivas. E' o que infelizmente acontece comigo. — Mas sem embargo do que fica ponderado, os objectos de ouro do Museu mostram-se a quem, ou por curiosidade justificada, ou para estudo, os deseja ver: assim os viu S. Ex.a o Sr. Presidente da Republica, em 1912, quando me deu a honra de visitar o Museu; viu-os o seu secretario e os jornalistas que apareceram; viu-os, por ocasião da inauguração do Museu, S. Ex.a o Sr. Ministro das O. P. Pereira dos Santos, bem como os funcionarios superiores do Ministerio que o acompanhavam; viram-nos outros ilustres Ministros que se têm dignado vir ao Museu, por exemplo, os Ex.mos Srs. Dr. Bernardino Machado e Dr. Manoel Francisco de

Vargas, um e outro grandes benemeritos da nossa Arqueologia, pois o primeiro referendou o Decreto da criação do Museu, e o segundo deu-lhe depois o principal incremento; viram-nos em 1906 os membros do Congresso de Medicina que se realizou em Lisboa; viram-nos muitas outras pessoas (arqueologos, etc.), cujos nomes seria prolixo mencionar; e o proprio Ex.mo Sr. Deputado Eduardo de Almeida os veria, se quando o convidei para visitar o Museu, houvesse correspondido ao meu convite, com o que evitaria fazer-me em sessão de 12 de Março de 1913 a triste censura que me fez.

III

A esta pergunta respondo que ME AUTORIZEI EU MESMO: eu praticava um acto que não só estava, tão simples como era, nas minhas atribuições, mas que redundava em honra para o Museu, para cujo brilho convergem os meus esforços desde o ano de 1893. Em duas palavras contarei o caso.

O Ex.mo Visconde da Amoreira da Torre ofereceu ao Museu Etnologico duas estátuas romanas de marmore que estão no 1.º pavimento, ao fundo das escadas que conduzem ao 2.º, estátuas que tem muito merito, tanto mais que em Portugal escasseiam os objectos de estatuária romana. Eu conhecia-as desde 1890, de um artigo publicado a respeito d'elas por Gabriel Pereira na *Revista Archeologica*, IV, 169: e logo que fundei o Museu, ardi em desejos de as obter, o que consegui por intermedio de um amigo. O proprio Governo reconheceu o valor da oferta do preclaro Visconde da Amoreira da Torre, e o louvou por Portaria de 25-II-1902, assinada pelo Ex.mo Sr. Dr. Manoel F. de Vargas, e publicada no *Diario do Governo* de 6 de Março do mesmo ano. Diante d'isto não devia eu estar grato ao amigo que me alcançou as estátuas? A gratidão é uma qualidade que Cicero diz que tem a primazia entre todas: *nullum officium referenda gratia magis necessarium.*

Ora aconteceu que o meu referido amigo me pediu lhe guardasse em minha casa uns baús e caixotes; como eu não tinha onde lh'os guardar, e ao mesmo tempo lhe devia o grande e nunca assaz louvado favor de me obter as estátuas para o Museu, mandei ir esses baús e caixotes, não propriamente para uma dependencia d'aquele, como se diz na resenha das acusações, mas para um barracão pertencente á secção das Obras públicas da Cêrca dos Jeronimos, e que lá me haviam emprestado para arrumos de mobilia usada, e onde efectivamente (com excepção de uns mosaicos que aí estão encaixotados, e provisoriamente guardados, á espera de outro local) só ha cousas sem valor.— Quem me poderá acusar d'isto? Não procedi eu dignamente? Por ventura sofreu o Museu Etnologico algum prejuizo?

Vê tambem o Ex.mo Deputado Eduardo de Almeida quão longe nos achamos da ideia de pertencerem aos jesuitas do Colegio de Campolide *os célebres baús e caixotes,* conforme S. Ex.ª disse na Camara. Eu é que habito no bairro de Campolide, e como os baús e caixotes foram primeiro á minha porta, e de lá vieram para Belem, logo os noveleiros vociferaram que andava em tudo contrabando jesuitico. Propalaram, de mais a mais, que nos baús e caixotes se lia «R. A.», o que segundo eles significava «R(ainha) A(melia)», quando tais letras significavam «R(icardo) A(ntas)», nome do dono! — Assim se escreve a historia em Portugal! Assim se pretende desacreditar um individuo que, como eu, trabalha ha 20 anos em beneficio da Etnologia nacional! Assim se macúla um instituto da importancia e dignidade do nosso Museu!

IV

Nunca tive conflitos com o pessoal do Museu. Dizem isso os meus inimigos para me desacreditarem. Dou como testemunhas os seguintes senhores:

Maximiano Gabriel Apollinario, que foi meu adjunto nos primeiros anos da existencia do Museu;

D. Vasco Bramão, que veio depois, e algum tempo trabalhou comigo no Museu, fazendo em minha companhia algumas excursões arqueologicas, por exemplo, ao Algarve;

Dr. Felix Alves Pereira, que foi oficial ou conservador do Museu desde 15 de Maio de 1902 até 9 de Setembro de 1911, e que pois acompanhou grande parte da vida e evolução do Museu.

Indíco estes senhores por já estarem retirados do Museu, e não dependerem pois de mim, devendo ser considerados insuspeitos os seus depoimentos.

O que deu origem á acusação foi isto:

Uma vez o desenhador do Museu, Guilherme Gameiro, que era muito perito na sua arte e inteligente, e que sempre me respeitára, insurgiu-se inopinadamente contra mim, por eu lhe perguntar por certos desenhos de que o incumbira; e de encontro a todos os seus habitos, e ao que eu poderia esperar d'ele, ofendeu-me de palavras. Isto chama-se conflicto? ou chama-se insubordinação? Infelizmente, como depois se viu, o êrro cometido por Gameiro era o prenúncio da doença que o levou a um manicomio, e ao cemiterio. Parece-me que estou mais que justificado. Quem disser o contrario do que acima conto, falta absolutamente á verdade; e ninguem póde aqui, senão eu, fazer afirmações categoricas, porque tudo se passou entre Gameiro e mim, sem testemunhas. Pena tenho eu de, por fôrça das circunstancias, me ver obrigado a proferir, sem ser com pleno louvor, o nome de um empregado como Guilherme Gameiro, a quem eu tanto estimava, e que tantos serviços prestou ao Museu com os seus desenhos, como consta, por exemplo, das minhas *Religiões da Lusitania*, II, 303, III, 99, 144, 182, 183, 187, 200, 231, 232, 233, 237, 245, 306-307, 333. etc., do *Archeologo*, VIII, 165, 172, IX, 167, X, 107, etc., etc., e de um album que se conserva no Museu Etnologico; um dia se especificará melhor isto no *Archeologo*.

Outra vez o colector-preparador Carlos de Amorim, useiro e vezeiro em dar faltas no Museu, como consta do livro do ponto, — após haver respondido insolentemente e com insistencia a advertencias minhas no meu gabinete —, foi por mim mandado sair deste, ao que ele desobedeceu: então tomei-o de um braço, e pu-lo fóra da porta. Dou como testemunha o Sr. Pedro de Azevedo, conservador e professor da Torre do Tombo, que por acaso estava junto do meu gabinete, e assistiu a tudo. O que se passou com Amorim é acaso tambem conflito? Ou é insubordinação e falta de educação? Alguem nas minhas condições procederia de outro modo? E não mantive eu assim eficazmente a autoridade que me assistia como director do Museu? Bem bastaria, se eu não tivesse fôrça fisica para fazer o que fiz; mas, se eu proprio não pusesse fóra do meu gabinete o referido colector-preparador, tinha de o mandar pôr por um servente ou por um policia: o que dava o mesmo resultado. — Como comentario acrescentarei que Carlos de Amorim foi suspenso várias vezes do seu emprêgo, como consta dos meus oficios de 22-IX-909, 20-X-909, 23-X-909, 23-IX-910, 30-X-910, até que pediu a demissão, por se tornar incompativel com a regularidade do Museu. Além d'isso consta-me que, já depois de demitido, cometêra novas irregularidades na sociedade e que fôra processado e

preso. — Este individuo é um dos que tambem me acusam. Está aqui boa amostra do que é a laia dos meus inimigos!

Muito ao contrário de eu me pôr em conflito com o meu pessoal, tenho sempre aproveitado a ocasião de o elogiar, ou de lhe publicar os serviços.

A respeito dos proprios guardas, que tão deslealmente se levantaram contra mim, — Joaquim Paixão, e Herculano José Pinto —, enviei eu para o Ex.mo Director Geral das Obras Públicas em 18-X-1910 um oficio elogiativo, por, segundo eles me afirmaram, não terem desamparado o Museu nos dias e noites da revolução; em beneficio dos mesmos guardas oficiára eu tambem ao mesmo senhor em 13 de Março de 1908 a pedir mais um guarda que os aliviasse do serviço.

A respeito de Manoel Joaquim de Campos mandei para o Ministerio das O. P. em 13 de Outubro de 1904 o oficio mais elogiativo que era possivel fazer-se. Ao mesmo empregado me referi tambem com louvor no *Archeologo Português*, VII, 143.

A José de Almeida Carvalhaes elogiei, por exemplo, no *Archeologo*, X, 95, XIII, 283 e 314; e nas *Religiões*, III, 202.

Do Dr. Felix Pereira falo, por exemplo, nas *Religiões*, III, 173-174 (nota).

Do condutor Bernardo de Sá menciono trabalhos, por exemplo, no *Archeologo*, X, 45, 95, 165; XI, 91, 284, etc.

De João Saavedra, e Fulgencio R. Pereira cito desenhos e fotografias, ou outros serviços, nas *Religiões*, III, 596 e 602, e no vol. XVII do *Archeologo*, pag. 205-206.

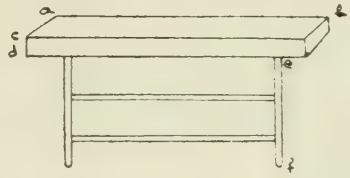
Prezo-me de ser equitativo: se não ponho dúvida em chamar á razão aqueles que delinqüiram, tambem não poupo louvores a quem os merece. — A sociedade é que nem sempre julga bem os seus membros, ainda os mais dignos. A psicologia das multidões difere muito da do individuo.

V

O carpinteiro Eduardo de Sousa não era funcionario do Museu, era jornaleiro, que ganhava ao dia: eu podia pois ocupá-lo no meu serviço particular, com tanto que eu lhe pagasse do meu bolso, e do meu bolso pagasse tambem a madeira. Efectivamente o ocupei: ele fez-me (salvo êrro) dois bancos, quatro prateleiras, uma caixa para verbetes, e uma caixinha de correio, — obras muito singelas, como se vê dos esboços que junto, com as respectivas medidas (prontifico-me a mostrar os originaes). Tudo isto lhe mandei fazer em casa. Ele porém disse-me que, por ter no Museu o seu banco, e não ter outro em casa, o fazia aqui, ao que eu anuí, porque, por um lado, era eu quem pagava, por outro o trabalho era feito no vão de uma escada, e nenhum mal advinha ao Museu.

Este assunto foi já tratado num auto de investigação que no Museu se levantou contra os guardas Joaquim Paixão, e Herculano José Pinto, e de que o Sr. Sindicante tomou conhecimento: d'aí vê o mesmo Senhor que o carpinteiro NÃO ME ACUSA DE EU TER DEFRAUDADO O MUSEU, e que se limita a dizer que lhe pagaram, sem ele saber mais nada. A acusação, ou insinuação, provém dos dois referidos guardas, despeitados, como estavam, por eu, em virtude de irregularidades que eles cometeram, e que constam d'aquele auto, os ter suspendido e lhes ter movido um processo, do que resultou serem transferidos do Museu.

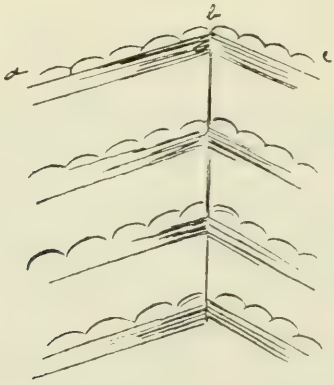
Do trabalho do carpinteiro, e das madeiras que empregou, paguei do meu bolso = 6$320 rs. = (seis mil trezentos e vinte reis), como o Ex.mo Sindicante viu do livro das contas particulares da minha casa. Não cobrei recibo, porque pensei



a b = 1,53 comprimento
a c = 0,37 largura
c d = 0,12 altura
a f = 1,02

ab = 0,30

ab = 0,27



4 prateleiras
altura 0,08
a b = 0,94
b c = 0,86
largura = 0,29

a b = 0,38
a c = 0,18
b d = 0,135

que lidava com gente de tão boa fé como eu, e que não vinha depois, em ocasião inoportuna, valer-se de uma cousa tão simples e tão irrisoria para me enxovalhar. Todavia, se preciso fôr, póde o Sr. Sindicante inquirir acerca da minha honradez os seguintes senhores:

Severiano Monteiro, antigo chefe da Repartição de Minas, e antigo director geral de O. P., de cujas repartições o Museu esteve dependente, e com quem lidei, e tratei de contas, durante 18 anos;

Cesar Augusto de Mello e Castro, chefe da 9.ª Repartição de Contabilidade, a quem durante muitos anos dei as minhas contas como director do Museu;

Alvaro Gaia, funcionario superior do antigo Ministerio das O. P., por cujas mãos passaram tambem muitas vezes as minhas contas;

Olimpio de Oliveira, chefe da contabilidade do Ministerio do Interior, a quem actualmente dou as contas;

Dr. Felix Pereira, antigo oficial e conservador do Museu, que, como já disse, esteve comigo no Museu 9 anos, e que era o encarregado das contas;

Dr. Vergilio Correia, actual conservador, e tambem encarregado das contas, — porque eu desejo que d'estas se ocupe mais de uma pessoa, para haver menos motivo de suspeitas.

Todos estes senhores muito bem sabem que eu, longe de lesar o Museu Etnologico, muitas e muitas vezes, por no cofre não haver nada, tive de ABONAR DINHEIRO DO MEU BOLSO para acudir a urgentes necessidades do Museu, isto é, para comprar objectos valiosos que de repente me traziam á venda, e que, se não fossem logo comprados, se perdiam. Cheguei a adiantar CENTOS DE MIL REIS! E é perante estes factos que uns miseraveis não se pejam de vir insinuar que eu defraudei o Museu na ridicula quantia de 6$320 rs.!

VI

Esta acusação é verdadeiramente estulta. Bem se vê d'ela, e das congeneres, que quem as faz não tem motivos graves que possa invocar, e lança pois mão de ninharias.

No Museu houve em tempo um aviso para que não se tirassem cópias ou desenhos de inscrições ou monumentos sem prévia autorização do director. Este aviso está de acôrdo com os que se vêem noutros museus, por exemplo, no das Janelas Verdes e no Arqueologico de Madrid. Assim, aconteceu-me uma vez num museu ao pé de Roma, querer copiar uma sepultura, e não poder, porque o respectivo guarda me proibiu. Compreendem-se proibições d'estas, porque é natural que o pessoal de um museu que adquire objectos ineditos os queira publicar antes de outrem, principalmente quando eles se relacionam com trabalhos geraes, ou ha um jornal especial de arqueologia, como entre nós *O Archeologo.*

Apesar d'isto, eu, por um excesso de generosidade, já HA MUITO mandei retirar o dito aviso: mas agora, por isso mesmo que o meu acto não foi bem avaliado, e por isso que eu estou no direito de desejar que apareçam primeiro no *Archeolo Português,* que em qualquer outra parte, desenhos e inscrições que pertencem ao Museu, tenciono, logo que termine a sindicancia, mandar repôr o aviso que d'antes estava: salvo se as estações superiores ordenarem o contrário, o que não é natural, pois que quem melhor entende o que convem ao serviço dos museus são os que imediatamente superintendem nestes.

Quer com o aviso, quer sem ele, o Museu tem porém estado sempre á disposição dos estudiosos, e por mais de uma vez se permitiu que se copiassem objectos ineditos.

Aqui apresento uma lista de algumas pessoas que se tem utilizado do Museu:

Antonio Mesquita de Figueiredo, num artigo do *Bulletin Hispanique,*

VIII, 109-110, onde se refere a uma pasta ou album de Estacio da Veiga, diz: *nous avons consulté cette collection au* MUSÉE ETHNOLOGIQUE PORTUGAIS: *elle est, avec l'ouvrage de Estacio da Veiga,* LA BASE DE LA PRÉSENTE ÉTUDE. Não póde ser mais insuspeito o testemunho, por provir ***do verdadeiro fabricador de toda esta tramoia.*** O artigo, que alguem lhe traduziu em francês, e que, como o proprio autor confessa, é feito á custa de Estacio da Veiga, teve uma redacção portuguesa destinada ao *Archeologo,* a qual não publiquei por causa dos seus erros, mas que está em meu poder, e que o Ex.mo Sindicante viu; nela diz mais expressivamente o inventor da palavra *xilde:* «Nesta pasta encontram-se preciosos elementos d'estudo, »e delles nos servimos no presente artigo COM PERMISSÃO DO DIRECTOR DO »MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS, QUE GOSTOSAMENTE NOS FACULTOU A »CONSULTA DA MESMA PASTA, bem como permittiu a publicação de varios dese»nhos enedictos (*sic!*) nella existentes». Vê o Ex.mo Sindicante as contradições em que o autor do artigo cái a meu respeito: ora propala que o Museu está cerrado aos estudiosos, ora se desvanece de declarar que o director lhe permitiu colhêr nele importantes elementos de estudo! Que caracter!

José Queiroz, na *Ceramica Portuguesa,* Lisboa 1907, pag. 10, tece grandes elogios á colecção ceramica do Museu; a pag. 11 agradece informações que neste lhe foram ministradas; torna a citar objectos do Museu a pag. 12 e 309.

David Lopes, no *Archeologo,* II, 206, transcreve uma inscrição arabica por ele copiada no Museu.

Márques da Costa, no mesmo jornal, VIII, 140, enumera varios objectos prehistoricos que estudou no Museu.

Emil Hübner, no *Inscriptionum Hispaniae Christianarum Supplementum,* Berlim 1900, cita varios decalques de inscrições que do Museu lhe foram enviados: vid. n.os 301, 303, 304, 314, 320. O mesmo autor, nos *Additamenta nova ad Inscriptiones Hispaniae Latinas,* n.os 4 e 5, cita outra vez decalques que de cá lhe foram.

A. Bezzenberger, num artigo de um jornal alemão, que não tenho aqui presente, mas que li, cita objectos da idade do bronze existentes no Museu.

Max Verworn, em Abril de 1906, examinou o Museu, e pediu-me que o acompanhasse a Ota, o que eu fiz, como ele declara na *Zeitschrift für Ethnologie,* 1906, p. 635.

Vergilio Correia, *A igreja de Lourosa,* Lisboa 1912, p. 17-18, cita e descreve quatro aras votivas do Museu. A esse tempo (Janeiro) não era ainda conservador, como hoje é.

Outras pessoas: Pierre Paris, professor da Universidade de Bordeus; Schulten, professor da Universidade de Erlangen; Miss J. Moore, dos Estados-Unidos; Alfredo Ansur; advogado, Telles de Meneses, agronomo; H. Schmidt, conservador do Museu de Berlim.

Era impossivel, e inutil, citar o nome de todas as pessoas a quem o Museu liberalmente se franqueia; basta o que fica dito. A acusação está reduzida a pó.

VII

Aqui temos outra prova da tacanhice do espirito dos meus difamadores.

Serei muito breve e conciso.

1) A biblioteca do Museu não é pública: é privativa d'ele, como por

exemplo a da Faculdade de Letras e a da Direcção Geologica o são dos respectivos institutos.

Com isto desfaço a acusação, mas quero ser complacente, e acrescentarei:

2) A biblioteca não póde de direito, nas condições actuaes do Museu, ser franqueada ao público, por falta de espaço: a saleta pequenissima em que ela está, serve não só de secretaría, mas de gabinete do conservador.

3) Não obstante o que digo, a biblioteca PATENTEIA-SE A TODOS OS ESTUDIOSOS que cá vem, do que dão testemunho, entre outros, os seguintes senhores, que a tem frequentado:

— Esteves Pereira, coronel do Exército;
— Dr. Costa Ferreira, director da Casa Pia;
— Joaquim Fontes, estudante de Medicina;
— Aboim Inglês, professor do Instituto Industrial;
— Victor Fontes, estudante de Medicina;
— J. Santa Rita, estudante de Letras;
— Edgar Prestage, professor inglês;
— Rodolfo Guimarães, major do Exército;
— G. Cirot, professor da Universidade de Bordeus;
— Oliveira e Sousa, proprietario;
— Pedro de Azevedo, conservador da Torre do Tombo.

Será preciso dizer mais?

VIII

Esta acusação é do genero da 5.ª, e reporto-me ao que já disse na respectiva resposta.

Em 28 de Julho de 1906, por ocasião da inauguração do Museu Etnologico, mandei imprimir um folheto com o titulo de *Plano summário*. A impressão importou em 1$500 rs., como consta do livro das contas do Museu, volume 1.º, fls. 54 verso.

Neste folheto dou uma ideia geral do Museu, para os visitantes mais facilmente poderem apreciar os objectos d'este, e a classificação dos mesmos.

Não só aos membros do Congresso de Medicina, no referido ano de 1906, mas depois d'isso a estudantes e a muitas outras pessoas de cá e de fóra, tanto eu, como os conservadores do Museu, temos distribuido gratuitamente numerosos exemplares, porque chegámos á convicção de que quasi ninguem comprava o folheto, apesar de ele custar 20 rs. Poucas pessoas compraram. A importancia apurada foi enviada á Receita Eventual, como consta de UM RECIBO por ela passado em 29-II-1912, que está no Museu, e o Ex.mo Sindicante viu.

Restam ainda exemplares que o Ex.mo Sindicante viu igualmente.

Não me cansarei de mais uma vez insistir na aleivosia que a este proposito levantaram contra mim os guardas Pinto, e Paixão (hoje fóra do Museu), pois só eles, que eram os encarregados da venda, podiam falar e mentir no caso. Note-se que estes empregados os coloquei eu no Museu. Tão honradamente mostraram a sua gratidão!

IX

Estou já muito fatigado de refutar vilanias, e de perder tempo, que eu podia empregar utilmente nos meus estudos, tempo que eu não perderia, se, em vez de viver em Portugal, vivesse na França, na Alemanha, na Italia, ou noutro país de grande civilização, porque ahi dá-se aprêço a quem trabalha com consciencia e dedicação, e ninguem me forçaria a pedir uma sindicancia INUTIL. — Por isso serei tambem conciso na resposta á acusação 8.ª e última.

Esta acusação decompõe-se em tres secundarias: que me ausento do Museu semanas e quinzenas; que não dou satisfações a ninguem; que encerro o ponto pelo telefone.

Primeira parte:

Não só confirmo que tenho estado por vezes semanas e quinzenas inteiras fóra do Museu, mas acrescento que tenho estado meses, — e tudo isto NO PLENO DIREITO QUE ME ASSISTE COMO DIRECTOR DO MUSEU.

Se quando o Museu foi criado, em 20 de Dezembro de 1893, eu fosse para a Comissão Geologica, onde, como se estatue no art. 1.º do respectivo Decreto, ele se instalou, e me sentasse numa cadeira, como parece que os meus acusadores estupidamente pretendiam, — O MUSEU NÃO EXISTIRIA!

Pois então como é que eu havia de arranjar objectos, arranjar mobilia, arranjar novas salas, e as sucessivas instalações que o Museu tem tido (como já disse), arranjar pessoal, arranjar verbas? como é que eu havia de preparar e promover as publicações do Museu? como é que eu havia de tratar de mil negocios nos Ministerios, outr'ora das Obras Públicas e do Reino, e hoje do Fomento e do Interior, cujas escadas hão-de estar gastas das minhas passadas? como é que eu havia de fazer as excavações e excursões que fiz em todo Portugal, do Norte ao Sul, do Oriente ao Occidente? como é que eu havia de percorrer grande parte da Europa e o Egito, para me instruir, e ampliar e representar o Museu? como é que eu havia de fazer tudo isto, sentadinho num mocho, como um reu, ou num trono, como um juiz?

Das minhas viagens fóra de Portugal falam os trabalhos e serviços que citei na *Resposta aos pedidos do Sr. Deputado*, pag. 13-14; das minhas excursões e excavações no país diz-se alguma cousa no *Archeologo Português:*

— vol. I, pag. 65-92, 218, 246, 248, 250, 254, 271, 311, 321, 326, 343;
— vol. II, pag. 1, 118, 143, 225, 248, 249, 280, 320;
— vol. III, pag. 60, 109, 110, 111, 146, 156, 289;
— vol. IV, pag. 97, 103-134, 243, 304-308, 329-336;
— vol. V, pag. 41, 138, 174, 193-201, 225-249;
— vol. VII, pag. 1, 146, 286-288;
— vol. VIII, pag. 15-23, 68-72, 79-81, 163-169, 170-172;
— vol. IX, pag. 144, 180-181, 219, 271-282;
— vol. X, pag. 46, 379;
— vol. XI, pag. 66, 291, 324, 369;
— vol. XII, pag. 107, 108, 109, 110, 218, 220, 221, 222, 279, 346;
— vol. XIII, pag. 300-313;
— vol. XIV, pag. 57, 246, 294-296, 365;

— vol. XV, pag. 242, 247-252, 324;
— vol. XVI, pag. 107;
— vol. XVII, pag. 61, 205-207.

A acusação, segundo se vê, nem resposta merecia; cái por si mesma!

Quem diz que eu não vou ao Museu, é evidente que quer inculcar que eu não trabalho para o Museu. Então, se eu não trabalho para o Museu, quem foi que o fez? Quem juntou e coordenou tantos mil objectos, que enlevam a mente dos estudiosos e das pessoas bem intencionadas que o visitam, ao mesmo tempo que quebram os olhos dos que diante de tanta beleza se roem de inveja?

A verdade é esta: vou ao Museu, quando é preciso; não vou ao Museu, quando tenho que fazer fóra, pois, alem de me ser necessario sair, como fica dito, para o proprio serviço do Museu, sou actualmente professor da Universidade, e fui conservador da Biblioteca Nacional, o que me toma ou tomou tempo que não posso consagrar ao Museu: — pelo que, EM LUGAR DE TER ORDENADO, como director do Museu, TENHO UMA SIMPLES GRATIFICAÇÃO, e esta auctorizada só de 29 de Julho de 1898 em diante, porque dos fins de 1893 até então, isto é, quasi cinco annos, SERVI DE GRAÇA; além d'isso, para me ocupar do Museu, deixei interesses particulares que me rendiam mais do que o que nele ganho; e em viagens de instrucção que fiz lá fóra gastei do meu bolso muitos centos de mil reis. — Mas o Museu NUNCA PERDE COM A MINHA AUSENCIA; e se nem sempre, como ponderei, lá posso estar durante as chamadas «horas regulamentares», vou muitas vezes fóra d'essas horas, e não raro trabalho de noite para ele.

Em fim, só com grande fôrça de má vontade, se me póde acusar de faltar ao Museu, a mim, que ha 20 anos quasi não penso noutra cousa que não seja esse instituto, que, se tão doces horas de prazer intelectual me tem dado, tantas amarguras me tem tambem feito sofrer, entre as quaes avulta a causada pela presente sindicancia, por ser O MAIOR VÈXAME que eu jámais podia esperar na minha vida!

Se para mostrar o meu zêlo oficial não bastasse o proprio Museu e as minhas publicações etnologicas, eu invocaria o testemunho de CENTENAS de pessoas, de Portugal e de fóra, o que não faço para evitar delongas, — contentando-me com invocar o de SS. Ex.as os Srs.:

— Presidente da Republica,
— Presidente do Govêrno,
— Presidente do Senado,
— Director Geral da Instrução Pública Secund., Sup. e Especial,
— Presidente do Conselho de Arte e Arqueologia,
— Dr. Bernardino Machado,

pelo caracter especialissimo do mesmo testemunho nas circunstancias actuaes.

Segunda parte:

Nunca saí de Portugal sem auctorização superior, e nunca saí de Lisboa com demora, sem o participar ao respectivo director geral, como podem testemunhar os Ex.mos Srs. Cons.o Severiano Monteiro, Dr. Angelo da Fonseca, e Dr. Queiroz Velloso.

Terceira parte:

Quanto a esta accusação, direi que é falso que eu feche o ponto pelo telefone: dou por testemunhas TODO O PESSOAL ACTUAL DO MUSEU. Só uma vez, no tempo do famoso Carlos de Amorim, eu disse pelo telefone que, por ele não ter chegado á hora a que devia, o oficial do Museu o não deixasse assignar: e isto, porque ele

zombava de nós, e era preciso manter a dignidade do Museu. E não estou eu auctorizado a ter telefone? Para que é pois o telefone senão para o utilizar? — Por este teor podem qualquer dia acusar-me, e d'aí resultar nova sindicancia, de que eu, por exemplo, lancho no Museu, ou mando buscar agoa por um servente para lavar as mãos! Por ventura alguma d'estas supostas acusações não seria tão fundamentada como a de que falo pelo telefone, ou a de que ando por fóra em serviço oficial, ou a de que a biblioteca do Museu não é pública, ou a de que havia um aviso regulamentar á porta, e todas as outras?

*

Ao terminar, tomo a liberdade de fazer ainda umas ponderações.

Em primeiro lugar, peço que não se tome como falta de respeito ao acto a que fui chamado alguma palavra mais incisiva que no calor da minha legitima defesa me escapasse da pena: ninguem é mais respeitador dos poderes constituidos do que eu. Mas *quem não deve, não teme:* e sinto-me cheio de razão, e escaldam-me as faces, ao ver que se deu atenção á campanha ultrajante que um lagalhé, que vai pelas ruas exposto á hilaridade das multidões por causa do ferrete de *Xilde* que a veia comica da mocidade academica de Coimbra, em hora de bom humor, lhe imprimiu na fronte para sempre, — lagalhé inteiramente falho de dignidade pessoal e de meritos sociaes, perverso, vingativo, — ousou promover contra mim, que, por ser livre, e não ter outro cuidado senão o que me dão os meus estudos, em parte derivados das minhas proprias obrigações oficiaes, não faço, nem nunca fiz na minha vida, outra cousa senão dedicar-me a eles. — Quem observar o Museu Etnologico, a quantidade e qualidade dos seus objectos, a classificação rigorosamente metodica e scientifica d'estes, lembre-se de que, em quanto outros estabelecimentos congeneres, hoje grandiosos, resultam da actividade de várias gerações, o meu, que na sua especialidade se póde comparar com aqueles, resulta por ora da actividade de um só homem, embora auxiliado por outros. Não é tudo isto motivo suficiente para que eu me indigne contra os que fecham os olhos á evidencia das cousas, e ainda em cima me cobrem de doestos e de suspeitas? Não hei-de estar magoado, sentido, aflito, e juntamente enfadado com tanta vileza que á roda de mim se entorna?

Em segundo lugar, devo dizer que não é por vaidade que tantas vezes falo de mim e dos meus serviços; faço isto apenas para minha defesa. Pois de que outro modo poderia eu defender-me em um acto oficial, para mim tão solene, senão expondo os documentos que possuo do meu trabalho?

Em terceiro e último lugar, espero que, quer o Ex.mo Sindicante, que pelas razões que nas minhas duas Respostas expendo, pelo que viu e observou no Museu, onde NÃO HA IRREGULARIDADE NENHUMA, e só creio que ha cousas dignas de aplauso, e pela impressão que de certo colheu dos depoimentos das pessoas que convocou, estará convencidissimo de que eu sou vítima de vinganças de UM UNICO INDIVIDUO, quer S. Ex.a o Sr. Ministro do Interior, que pela natureza do alto cargo que ocupa, está acima de influxos pessoaes, me façam serenamente justiça. Do mesmo modo espero que o Ex.mo Deputado Dr. Eduardo de Almeida se inspire melhor do que até aqui se inspirou, e num rasgo de cortesania que muito o honrará, desfaça no Parlamento, em homenagem á verdade que me assiste, as acusações que indevidamente aí formulou contra mim. — Só assim me julgarei oficial-

mente lavado do vèxame em que me vejo, e me sentirei com fôrça moral para continuar a dedicar a minha actividade ao serviço do Museu e da Patria. Se outros póde o Govêrno encontrar mais capazes e mais habilitados do que eu, não encontrará quem com maior amor, porfia e sinceridade sirva a causa a que me votei, qualidades essas de que provém o desassombro com que me exprimo.

Lisboa, 27 de Abril de 1913.

José Leite de Vasconcellos,
Director-organizador do Museu Etnologico Português.

ADVERTENCIA FINAL

Tanto S. Ex.ª o Sr. Ministro, como o Sr. Sindicante, Prof. Agostinho Fortes, atenderam já, e do modo mais lisongeiro que para mim podia ser, as minhas reclamações. Falta apenas que o Sr. Deputado tambem atenda.

O Sr. Prof. Agostinho Fortes publicou o seu relatorio no *Diário do Govêrno*, n.º 147, de 26 de Junho de 1913, relatorio que consta de tres partes: na 1.ª, que serve de introdução, o Sr. Sindicante define com exactidão pungente a psicologia do inicial promotor de toda a campanha que se moveu contra mim; na 2.ª enumera, e destroe uma a uma, as acusações que me foram feitas; na 3.ª propõe a S. Ex.ª o Sr. Ministro vários alvitres.

Este relatorio motivou a seguinte Portaria:

«Tendo sido pública a suspeição levantada ao Director do Museu Etnológico »Português, originando a sindicância a que se procedeu: manda o Govêrno da »República Portuguesa que se publique essa sindicância, reintegrando-se o referido »Director nas suas funções, abonando-se-lhe os vencimentos durante o tempo em »que esteve suspenso [1], e louvando-o pelos valiosos e porfiados traba»lhos prestados á Sciência e á Pátria.—Paços do Govêrno da Repúbli»ca, em 19 de Junho de 1913.=O Ministro do Interior, *Rodrigo José Rodrigues.*»

*

Depois de assim terminada, com tanta honra para mim, a sindicancia, poderia parecer desnecessario vir eu á imprensa com o presente opusculo; todavia, como o *Diário do Govêrno* não é muito lido, e como, nos vai-vens que as cousas do mundo sofrem, póde acontecer que se solte e transvie do processo da sindicancia alguma envenenada folha que um *quidam* de futuro encontre, sem saber ao certo a significação do que nela se diz, acho prudente aclarar tudo de ante-mão. Ao mesmo tempo ficam quebrados, de uma vez para sempre, os raivosos dentes de Xilde e companhia.

---

[1] [Eu propriamente não estive suspenso: só estive afastado da direcção do Museu, como pedi em meu oficio de 13 de Março de 1913].

LIBRARY
JUN
19
1979
UNIVERSITY
OF TORONTO

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
AM
0000746

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 11 18 05 042 0